

ACERCA DA ULTIMA REUNIAO DO 2º ANO

Sexta-feira, dia 5, realizou-se uma reunião do 2º ano de Engenharia para debater a questão do Passos Coelho. Foi aí apresentada uma proposta deliberando greve a todas as aulas, teóricas e práticas, do Passos Coelho. Embora, na generalidade, as intervenções respeitantes ao assunto se pronunciassem a favor da proposta, viu-se que para esta, na prática, ser viável seria preciso uma presença muito mais numerosa de alunos do curso a fim de se integrarem nas estruturas organizativas necessárias.

Surgiu então outra proposta que veio a ser aprovada:

"Atendendo a que a proposta necessita de grande mobilização para ser levada à prática, o 2º ano de Engenharia decide:

1. Que se ocupe, num dia a determinar, uma aula com muita gente (boicotando-se todas as aulas do curso que funcionem a essa hora) e que aí se realize nova reunião;
2. Que seja feita uma ampla campanha de informação (cartazes, nas turmas, etc.)."

Foi ainda apresentada e aprovada a seguinte proposta:

"Os alunos do 2º ano de Engenharia decidem fazer greve a todas as aulas teóricas de Análise Infinitesimal II do "prof" Passos Coelho."

NESTE NÚMERO

1. Acerca da última reunião do 2º ano
2. Sobre as faltas
3. Sobre o Passos Coelho

REUNIÃO DO 2º ANO DE ENGENH

- O.T.: 1) Faltas;
2) A questão do Passos Coelho;
3) Exame de Análise Infinitesimal II;
4) A época de Outubro.

HOJE, 3ª - FEIRA, ÀS 15 HORAS, SALA DE CÁLCULO

A
R
I
A

SOBRE AS FALTAS

Pela nossa prática do dia a dia, todos nós temos sentido desagrado mais ou menos intenso em relação a um número razoável de cadeiras.

Os professores incompetentes não são poucos. O seu "trabalho ao serviço do tacho" resume-se ao despejanço de matéria contida nas cábulas que têm nas mãos. Nas aulas práticas, por exemplo, aproveitam-se da existência de um repetente para este resolver todos os problemas no quadro, enquanto a maioria dos estudantes fica a olhar como boi para palácio e, evidentemente, enquanto o prof. descansa repimpado na cadeira.

Mas não só a incompetência de alguns professores nos tem desagrado. A falta de interesse das matérias, para o qual contribui a desconexão generalizada entre as práticas e as teóricas, o que obriga a um maior esforço da nossa parte; e a falta de ligação entre os conhecimentos adquiridos e a sua aplicação na futura vida profissional são algumas das causas do marimbanço da malta para muitas aulas que, com o tempo, vão ficando às moscas.

E então que as autoridades começam a sua faina de encaminhar os "desencaminhados estudantes" para as aulas, tornando-as mais "atractivas" por meio das faltas. E, de facto, os estudantes são todos "atraídos" às aulas práticas. Vão lá todos!...

Porque será que o Governo está tão interessado em obrigar os estudantes a ir às aulas? (E cada vez se esmera mais! Lembremo-nos que, com a Reforma, o número máximo de faltas passou de 1/3 das aulas para 1/4.)

É claro que as faltas existem, não é por os "senhores" serem maus! Pelo contrário, elas enquadram-se perfeitamente num certo sistema. Vejamos:

As faltas não são mais do que um ataque, muito bem disfarçado, à nossa organização. Elas nos obrigam a andar muito ocupados numa correria de umas aulas para as outras, mal podendo discutir os nossos problemas, dificultando-nos reuniões, etc.. São também elas que têm um ^{papel} importante a cumprir durante o tempo de greve, como medida de represália (Os estudantes fazem greve, então marca-se-lhes falta!) tendente a tirar o sabor das nossas vitórias, como se passou recentemente com os pides-gorilas. O C.E., comandado pelo prof-polícia Almeida Costa, é categórico: Marquem-se faltas, muitas faltas, inclusivamente nos períodos de greve! E se os srs. assistentes não as marcarem são eles próprios que as apanham!

Para além do ataque à nossa organização, o Governo está, neste momento, especialmente interessado em produzir melhores técnicos que satisfaçam plenamente as necessidades dos donos das fábricas, das empresas, etc., necessidades essas que são produzir máquinas mais aperfeiçoadas, à semelhança das outras "made in Germany" e demais "made in ...". Isto tudo, com o objectivo de passarem os gordos cá da terra a ter o lucro por inteiro, lucro es se que, por enquanto, ainda vai enchendo a barriga dos gordos de fora.

Ora os estudantes já definiram o objectivo geral por que lutam. Esse objectivo é antagónico com uma Universidade ao serviço de uma minoria exploradora. Esse objectivo é a UNIVERSIDADE AO SERVIÇO DO POVO, sendo a luta pela abolição das faltas um objectivo inter médio a atingir.

SOBRE O PASSOS COELHO

Os alunos do 2º ano de Engenharia encontram-se em greve às aulas teóricas do "prof. " Passos Coelho. E porquê?

Porque o dito "prof." afixa matéria não ensinada, contrariando assim as decisões das Assembleias Plenárias. Mas ele não fica por aqui. Ele tenta diminuir o carácter vitorioso das greves e impedir-nos de reunir, marcando faltas; procura isolar estudantes, tentando identificá-los e ameaçando-os de suspensões; ataca a livre informação, arrancando cartazes.

Ora, se nos lembrarmos de toda a actuação do Passos Coelho, no ano passado, fácilmente chegaremos a uma conclusão: que ele — exceptuando a mascarada do 1º semestre em que, escondendo a sua verdadeira face, foi apalpando terreno — volta a ser coerente consigo mesmo, autoritário, anti-democrático, anti-estudantil, delactor, em suma, um verdadeiro profo-polícia.

Mas os estudantes definiram como objectivo geral da sua luta, a Universidade Popular, uma Universidade ao serviço das classes trabalhadoras, em que a relação professor-aluno se rá radicalmente diferente da actual e onde não caberão professores-polícias.

Então, como um passo para esse objectivo geral, ou seja, como um objectivo intermédio, temos uma Universidade sem professores-polícias sendo nesta perspectiva que os estudantes encetam a sua luta contra o Passos Coelho, no sentido de o isolar e o expulsar da Faculdade.

No entanto, a experiência mostra-nos que, por muito justa que seja determinada luta dos estudantes, se estes não se encontrarem organizados, facilmente as suas acções serão controláveis e os seus esforços tornados vãos.

Assim, é preciso que estejamos suficientemente conscientes acerca da necessidade de resolução deste problema e que nos organizemos devidamente.

Para isso, todos nos devemos enquadrar na estrutura organizativa do curso — a comissão de curso — e participar activamente na efectivação prática das decisões colectivas.

PELA ABOLIÇÃO DAS FALTAS!

POR UMA UNIVERSIDADE SEM PROFESSORES-POLÍCIAS!

POR UMA UNIVERSIDADE
POPULAR!